



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Família e género

O TEMPO LIVRE EM FAMÍLIA – UMA ABORDAGEM DE GÉNERO

SCHOUTEN, Maria Johanna

Agregação em Sociologia

Universidade da Beira Interior

schouten@sapo.pt,

ARAÚJO, Emília

Doutoramento em Sociologia

Universidade do Minho

emiliararaujo@gmail.com

Resumo

Esta comunicação incide sobre os resultados de uma pesquisa realizada nos distritos de Castelo Branco e Braga através de inquérito por questionário, grupos de foco e entrevistas semidiretivas. Na dita investigação, a relação entre o género e o uso do tempo é um dos temas fulcrais. Tal como afirmam vários autores, o tempo livre designa o tempo não dedicado a responsabilidades e atividades consideradas necessárias, tais como o trabalho remunerado, o trabalho doméstico, os cuidados de outros e os cuidados pessoais. Distingue-se do tempo de lazer, que tende a agregar atividades com elevado índice de prazer e realizadas durante o tempo livre. Neste texto, reflete-se sobre o modo como o tempo livre em família é diferenciado entre homens e mulheres e sobre a forma como essa gendrificação se manifesta e é narrada pelos envolvidos. Pretende-se mostrar que os usos do tempo livre em família evidenciam desigualdades, cuja análise se reveste de enorme relevância no contexto do debate sobre as políticas para a igualdade de género no trabalho e na vida privada. Apresentam-se, neste contexto, diversas abordagens situadas na sociologia da família e do género, e refere-se, igualmente, a importância das classes sociais nos usos do tempo livre.

Abstract

This paper is based on the results of a research project carried out among families in the districts of Castelo Branco and Braga, which involved the application of a survey, focus group sessions and semi-directive interviews. The relation between gender and time allocation was one of the major areas of analysis.

In this text, attention is directed to free time and leisure in the family context. Several authors state that free time is the time not devoted to responsibilities and activities which are considered necessary, such as paid work, household chores, caring for others and personal care. Taking this line of reasoning, free time (or discretionary time) is more comprehensive than leisure, which indicates enjoyable activities performed in the period of free time. The present text discusses gendered access to and use of free time and the way this is narrated by the people concerned. The research findings suggest considerable inequalities according to gender in the amount of free time and the ways of using it. Hence, the high relevance of an analysis of these inequalities to the debate about the policies for gender equality in the professional and private domains becomes apparent. Moreover, this paper, which is basically in the fields of sociology of gender and sociology of the family, provides some indications of the relationship between social class and the use of leisure (or free) time.

Palavras-chave: tempo livre; género; família; lazer; desigualdade
Keywords: free time; gender; family; leisure; inequality

[PAP0949]

O TEMPO LIVRE EM FAMÍLIA – UMA ABORDAGEM DE GÊNEROⁱ

1. Introdução

Tal como propõem os autores da sociologia do tempo (nomeadamente Mercure, 1995), o tempo das famílias constitui um *locus* excelente para a observação do estado das sociedades, dos seus modelos de vida, sentidos de direção e (dis)funcionalidades, pois é na família que se cruzam as diferentes temporalidades que identificam cada membro, em função dos seus valores, interesses e possibilidades. Vários estudos, tais como Zuzanek (2009) e Mattingly e Bianchi (2003) têm argumentado a existência de uma desigualdade de género nas famílias no que se refere ao tempo livre e ao lazer: as mulheres têm menos tempo livre à sua disposição e a ocupação desse tempo distingue-se da dos homens. Por norma, os momentos de lazer são para elas menos estimulantes do que para os outros elementos do agregado (Roeters & Treas, 2011), pois a maior parte das tarefas e dos detalhes quotidianos está sob sua responsabilidade. As férias em família, as visitas e outras festividades são eventos agradáveis, mas representam para as mulheres um período de trabalho árduo físico e emocional (Bourdieu, 1998; Shaw, 2008; Southerton, 2003). Um período que se inicia bem antes da sua ocorrência (porque exige preparações) e se termina muito depois (com as arrumações e as limpezas).

As definições de tempo livre e de tempo de lazer são ambíguas, desde logo porque o tempo pode ser valorizado e percebido diferentemente, conforme o perfil sociodemográfico e psicológico do indivíduo e o tipo de conteúdo envolvido. Pode definir-se o tempo livre como tempo não sujeito a regras nem a constrangimentos e, por isso, preenchido segundo os desejos do indivíduo ou do grupo. Deste modo, a identificação recorrente entre este tempo e o período não dedicado a trabalho pago não é correta.

O tempo livre pode englobar o tempo de lazer, situado normalmente fora do tempo de trabalho. Várias tarefas consideradas lazer por determinado grupo ou indivíduo podem ser tidas como trabalho obrigatório (pago ou não pago) por outros (por exemplo, fazer um bolo). Para efeitos desta comunicação considera-se pertinente a distinção de Goodin et al. (2002) entre o tempo obrigatório e o tempo “discricionário” (*discretionary time*), isto é, o tempo realmente livre.

Na presente comunicação reflecte-se sobre o modo como o tempo livre em família é diferenciado entre homens e mulheres e sobre a forma como essa gendrificação se manifesta e é narrada pelos envolvidos. O texto enquadra-se num projeto de investigação intitulado *Tempo e tecnologia: uma abordagem de género para o contexto português*, realizado nos distritos de Castelo Branco e Braga, que contemplou a realização de um inquérito por questionário, entrevistas semidiretivas e sessões de grupos de foco.

A comunicação integra três objetivos principais: i) discutir o carácter ambíguo da separação entre tempo de trabalho, tempo livre e tempo de lazer; ii) evidenciar as dificuldades das famílias em coordenar os tempos livres de modo a satisfazer todos os seus membros; iii) explicar a permanência de diferenças e desigualdades de género no que respeita ao uso e à distribuição do tempo livre e de lazer em contexto familiar.

2. Tempo social, tempo familiar e tempo livre

A divisão dos dias de trabalho em três partes de oito horas cada (destinadas, respetivamente, ao trabalho, ao descanso e ao tempo livre) constitui a operação principal do modelo de organização e uniformização dos modos de vida no século XX no mundo ocidental (Rosenzweig, 1983; Thiesse, 2001). Tal como se encontra documentado (Sorokin & Merton, 1973), este modelo de organização temporal tem correspondência direta na separação entre espaços de produção e espaços de reprodução. Adicionalmente, trata-se de um esquema temporal que traduz a dominação do tempo económico e de produção sobre todos os outros tempos (Grossin, 1996). A particularidade deste esquema, cuja consolidação se explica pela expansão do modo de produção capitalista, reside na estrita divisão entre os espaços-tempo de trabalho remunerado e os espaços-tempo livre. Os tempos livres são objetivamente mensuráveis como parcelas de tempo disponibilizadas pelo tempo de trabalho, um tempo disciplinado e controlado. E, dentro dos tempos livres, estão os tempos de lazer, cujas características e lógica dependem, em larga medida, dos jogos de distinção social, entre classes e grupos sociais (Veblen, 1975; Bourdieu, 1979).

Além dos estudos de caráter histórico que mostram os múltiplos condicionamentos sociais e culturais do uso do tempo de lazer, importa precisar que, sob este padrão temporal uniformizador, atuam também esquemas de percepção dos papéis de gênero explicáveis pelos paradigmas funcionalistas. Como mencionam diversos autores, entre os quais Leccardi (1996), a assunção do modelo de organização do tempo uniforme e estandardizado, tem implícita a aceitação da sobrevalorização do tempo masculino, dado serem os homens os mais responsabilizados pelo tempo remunerado no exterior. Mais do que sobrevalorização, tem implícita a dominação do tempo masculino sobre o tempo feminino, pois todas as atividades de trabalho não pagas desenvolvidas pelas mulheres nos espaços do “privado”, sobretudo nas classes menos favorecidas, tornam-se, além de invisíveis, reguladas pela organização do tempo do homem. Adicionalmente, tem-se sugerido que tanto para as que têm trabalho remunerado, como para as que, não o tendo, trabalham em casa, o tempo livre e o tempo de lazer são, frequentemente, objeto de controlo social, na sua quantidade e conteúdo (Kan et al, 2011).

O princípio da divisão do trabalho atua em conjunto com a separação de tempos na definição da disponibilidade de tempo e na sua valorização simbólica e material. Estudos de caráter histórico e sociológico frisaram a influência dos contextos sociais e culturais sobre a produção de padrões de uso do tempo livre (Corbin, 2001; Elias & Dunning, 1986; Veblen, 1975; Bourdieu, 1979). No fundo, o uso do tempo livre e do lazer resulta de preferências sociais e conjuga valores e condições objetivas de vida, assim como universos de possibilidades sociais. Um exemplo é a teoria de Putnam (2000) que considera que as recentes mudanças organizacionais na prática de *bowling* ilustram o processo de declínio do capital social e do enfraquecimento das redes de solidariedade social nos Estados Unidos.

O tempo livre adquiriu um significado singular com a revolução industrial e a expansão do modelo de organização temporal sincrónico e esquematizado sob o princípio da atribuição de determinadas quantidades de tempo a cada atividade ou tarefa. Passou a representar uma quantidade de tempo especialmente comprometida com a restauração de energias, necessárias à mobilização da atenção e da força durante o tempo de trabalho (Elias & Dunning, 1986). A este respeito, diga-se que, dada a expansão do capitalismo no pós anos sessenta ter sido tão promissora relativamente ao aumento da riqueza e da qualidade de vida, diversas teses, na sociologia do trabalho, do lazer e na economia em geral, anunciaram o “fim do trabalho” (Rifkin, 1995) e a emergência de uma sociedade do lazer e do tempo livre (Dumazedier, 1969). Com a progressiva automação e desenvolvimento tecnológico em espaço de trabalho, alguns autores consideravam esse desenvolvimento uma oportunidade de ouro, tendo apostado em discriminar formas de aproveitamento do tempo livre “ganho”, sobretudo em termos de exercício de cidadania (Dumazedier, 1988; Sue, 1995).

É certo que esta tese nunca foi confirmada por estudos nos diversos contextos de trabalho na sociedade ocidental, mas foi bem recebida social e politicamente, tendo tido, aliás, bastante reconhecimento no seio da opinião pública e das organizações representativas de trabalhadores. Mas, a realidade rapidamente a ultrapassou. As sociedades tornaram-se cada vez mais globais e o capitalismo financeiro confrontou os governos com questões progressivamente mais complexas. Um dos seus traços é a simultaneidade de tempos, a justaposição de atribuições e intensidade de exigências sobre os indivíduos e sobre as famílias, potenciada pelo uso das tecnologias de informação e de comunicação. Diversos estudos atestaram, inclusive, um aumento do tempo passado em trabalho. Schor (1993), Hewlett (1992) e Hochschild (2001) alertaram, no caso dos Estados Unidos, para as consequências da redução do tempo livre, do tempo de dormir e do tempo dedicado aos filhos e à família, motivado pelo desejo ou necessidade crescente de aumentar os rendimentos. Estes estudos partilham de uma visão estrutural, cuja ideia central consiste em assumir que o comportamento das famílias se explica pela imposição progressiva de princípios liberais nas formas de organizações do trabalho e dos tempos de trabalho. Entende-se que outros autores tenham considerado na explicação do aumento do tempo de trabalho e da redução dos tempos em família, a própria dinâmica libidinal da sociedade de consumo, da qual emerge a sensação de pressa (Gleick, 1999; Robinson & Godbey, 2008). A diversificação dos horários dos vários elementos do círculo social (familiares e amigos, em particular) dificulta a coordenação de todas as atividades e contribui para acentuar a sensação de estar apressado (*harriedness*) (Southerton, 2003; Rojek, 2009). Todavia, as estatísticas (e não apenas as dos Estados Unidos) indicam um aumento do tempo dedicado pelos pais ao trabalho pago (Jacobs & Gerson, 2004).

Os autores concordam em anotar que o tempo livre é essencial para manter um bom estado de saúde. A interrupção dos trabalhos ou das responsabilidades por mais ou menos tempo é tida como necessária para o restabelecimento do equilíbrio orgânico e para a recuperação das forças físicas e mentais, evitando uma situação de *stress*, a qual pode desencadear outras patologias. Ainda que alguns intervalos durante o horário do trabalho sejam considerados benéficos (Winwood et al., 2007), toma-se fundamental ter, depois do trabalho, uma pausa mais prolongada, seguida do tempo de sono (Robinson & Michelson, 2010; Van Tienoven et al., 2010).

Mas, findo o tempo de trabalho, nem todos têm a possibilidade de ter tempo livre, devido às muitas tarefas que ainda os aguardam, tais como as lides domésticas, os cuidados e, sobretudo, o acompanhamento dos filhos, sendo de considerar que uma dupla jornada pode resultar em situações crónicas de *stress* (Lyonette et al., 2007; Guerreiro & Carvalho, 2007). Apesar do maior envolvimento dos homens verificado nas últimas décadas, são ainda as mulheres que se encarregam mais permanente e assiduamente das lides domésticas. De modo geral, estes afazeres têm características diferentes das exercidas no trabalho pago, o que em teoria ajuda o indivíduo a “desligar-se” deste (Rook & Zijlstra, 2006). De qualquer modo, são obrigatórios e rotineiros. Dizem respeito a tarefas impreteríveis e exigentes, em termos de esforço físico e psíquico, acabando por dificultar a recuperação do organismo.

É no contexto desta problematização que, em seguida, apresentamos e discutimos algumas das conclusões decorrentes da referida investigação em que foram analisadas as relações entre género e representações e usos do tempo e da tecnologia, entre pessoas que vivem como casal, nos distritos de Braga e Castelo Branco.

3. Metodologia

A pesquisa no terreno decorreu entre janeiro de 2010 e março de 2011 e iniciou com a aplicação de um inquérito por questionário. A amostra foi construída-atendendo às características dos respetivos distritos e à tipologia das áreas urbanas construída pelo Instituto Nacional de Estatística. Procedeu-se à seleção de um certo número de freguesias e a cada uma destas foi atribuída uma percentagem de inquéritos em função da variação populacional. Por último, fixaram-se quotas considerando a idade e o sexo.

O questionário compôs-se dos quatro blocos temáticos seguintes: i) características sócio-demográficas do agregado familiar; ii) uso do tempo; iii) uso da tecnologia dentro do agregado; e iv) forma, frequência e meios de deslocação. Foram obtidas 218 respostas válidas no distrito de Castelo Branco e 212 no distrito de Braga, seguidamente inseridas e tratadas no programa informático SPSS.

A pesquisa incluiu quatro sessões de grupos de foco, cuja composição foi definida atendendo ao equilíbrio entre o número de homens e de mulheres, assim como a situação perante o trabalho. Na última fase do trabalho de campo foram feitas entrevistas em profundidade a onze casais. Estes casais foram selecionados tendo em conta as características socioprofissionais, o grau de habilitação e o facto de terem, ou não, filhos. Optou-se por concentrar a escolha dos casais na categoria etária entre os 30 e os 40 anos de idade, em virtude de os estudos mostrarem que nesta categoria etária a pressão de tempo é mais elevada. Além disso, constitui um grupo com grande valor heurístico, porque nele se concentram estilos de vida e práticas sociais diversas e o seu interesse aumenta se considerarmos também a variável classe social. As gravações das discussões em grupo, assim como das entrevistas, foram transcritas e depois sistematizadas e analisadas a partir de grelhas de análise de conteúdo temáticas previamente definidas. No presente texto, dada a necessidade de condensar informação, são usadas apenas as informações resultantes relativos aos tempos livres e à vida em família.

4. O tempo livre no ambiente doméstico

Para grande parte dos entrevistados, o tempo livre tem o mesmo significado do tempo de lazer. O tempo livre não é especificamente o tempo que se liberta do tempo remunerado (tempo ocupado), mas o tempo que “se consegue”, o tempo que resulta de uma tomada de decisão (individual ou coletiva) e que se procura para “desanuviar”, “parar” e “não fazer nada”. Sendo mais evidente nos casos em que a atividade profissional não

está sujeita a um horário rígido, os entrevistados tendem a “forçar” na classificação do tempo livre todo o tipo de atividades ou modos de estar que contêm um certo grau de prazer, ou seja, atividades que classificaríamos como sendo “de lazer”.

O tempo livre surge estritamente definível como tempo liberto de obrigações e, portanto, tempo dedicado ao que se “gosta” e às coisas que “são mesmo nossas”. É certo que as narrativas o denunciam como necessário. Mas, também se observa que se torna no tempo mais difícil de conseguir e de separar. As entrevistas femininas, designadamente de classe operária, mostram a (quase) total ausência de tempo livre. Uma das nossas interlocutoras afirma o seguinte:

E depois chego a casa, faço o jantar... lá para as onze horas, onze e meia, está o meu trabalho feito (...) cama! (...) Eu nunca tenho tempo para sair. Nunca. É o que eu digo, se eu tiver tempo para sair, alguma coisa tem que ficar por fazer. (Entrevistas, mulher, 38 anos, 4º ano).

De acordo com este depoimento, depois do “trabalho feito” (entende-se as lides domésticas) segue-se o descanso (a “cama”), não sendo evidenciada pela entrevistada a existência de um período de transição ou relaxamento.

Por outro lado, um dos homens entrevistados explica a centralidade do tempo de trabalho e o modo como este determina a valorização do tempo de descanso, sobretudo do tempo passado em casa:

Temos muito tempo dedicado à profissão, temos pouco tempo (...) com as pessoas com quem gostamos de estar e então, isso toma cada vez mais valor para nós (...). Quando as pessoas trabalham muito, acho que dão mais valor a estar em casa, a estar com as pessoas que gostamos ou lazer ou ócio... o que lhe quiserem chamar (Grupo de foco Homens ativos – homem, 41 anos, 12º ano).

Neste discurso, “estar em casa” e “estar com as pessoas que gostamos”, “lazer” e “ócio”, constituem-se como “atividades” às quais é dado um sentido similar, de oposição ao tempo dedicado ao trabalho remunerado. No discurso de muitos inquiridos, estar em casa, nomeadamente com a família, é lazer. Trata-se de uma representação susceptível de ser explicada a partir dos traços culturais que caracterizam a sociedade portuguesa, e, muito particularmente, do elevado valor conferido à família (Wall & Amâncio, 2007; Cunha, 2007). Mas, também é significativo o fato deste discurso ter como emissor um homem. Com efeito, estar no lar é, para os homens, um tempo estruturalmente mais conotado com lazer, do que para as mulheres. Voltaremos abaixo a esta consideração.

No espaço-tempo do quotidiano, e atendendo às expectativas dos homens e das mulheres em relação a todas as esferas do lar que são resultados de processos longos de socialização ativadas pelo *habitus*, observa-se que são as mulheres as mais responsabilizadas pela disciplina do tempo. O que acontece, por exemplo, quando estão em causa horários *in between*, como os da alimentação, do sono e da higiene dos filhos. Vários depoimentos mostram ser principalmente de manhã (período do dia que coincide na maior parte das famílias com filhos, com a ida para o trabalho e para a escola) que as mulheres-mães arcam com as responsabilidades de controlo dos tempos. São também elas que ficam mais vezes responsáveis pela vigilância horária de todas as atividades extracurriculares que incluem práticas tais como a catequese e o escutismo aos fins de semana. Esta tipicidade acerca das respostas temporais femininas no contexto da multiplicidade de tempos familiares corrobora a ideia de que a pressão do tempo (definível como a sobrecarga de actividades no mesmo espaço-tempo) é mais elevada no caso das mulheres que acabam por enunciar um leque de atividades e responsabilidades familiares de grande detalhe.

5. As temporalidades das famílias e o tempo dos filhos

No entender de alguns autores (Mercure, 1996), cujas análises abarcam uma grande pluralidade de dimensões, as famílias são entendíveis como atores com temporalidades diárias e biográficas próprias, mas sujeitas a padrões socialmente condicionados. O cruzamento dos desenvolvimentos recentes da sociologia da família, junto com a sociologia do lazer e a sociologia do trabalho, conferem consistência à tese de que, nas sociedades modernas, as temporalidades das famílias são resultados de combinações díspares, fragmentadas,

condicionadas pelas temporalidades de outros sistemas (como o trabalho e os estilos de vida). A existência de crianças constitui uma variável estruturante das temporalidades familiares, no plano diário e no plano biográfico. O tempo com os filhos pode ser segmentado no tempo de rotina (a alimentação, a higiene, os cuidados médicos e o transporte) e no tempo interativo (tais como conversar, brincar e ler), e apenas este último pode ser definido como lazer. O “tempo de rotina”, ou seja, o tempo dedicado aos cuidados, não é, analiticamente, um tempo livre mas sim de responsabilidades.

A pesquisa realizada mostra uma elevada valorização do tempo dos e com os filhos. Mães e pais tentam envolver-se em atividades de lazer com os filhos, e se isso não é possível numa base diária, procuram ter “tempo de qualidade”, exclusivamente dedicado a passatempos com os filhos nos fins de semana ou nos dias que o permitem. Por isso, adaptam as suas próprias atividades de lazer aos desejos ou necessidades dos filhos (tais como ver certos programas de televisão, ir à piscina). Este tempo de lazer para os pais é o tempo que Mattingly e Bianchi (2003) designam como “contaminado” e, por isso, menos susceptível de facilitar o relaxamento. Em casos extremos, atividades de lazer com os filhos, quando levadas a cabo pelos pais sob pressão ou sem entusiasmo, assemelham-se a “trabalho”. Os nossos dados mostram – em conformidade, aliás, com as conclusões de Kremer-Sadlik e Paugh (2007) – que, apesar de os filhos serem considerados uma fonte de “alegria” (neste aspeto existe unanimidade nas declarações dos pais e mães entrevistados), também são fonte de cansaço e de conflitos na família, podendo afetar negativamente momentos destinados para relaxamento.

Nesta pesquisa verifica-se que os interesses e as necessidades dos filhos estão geralmente em primeiro lugar nas atividades de lazer em família:

Pronto. É que entre um casal antigamente havia, entre o casal havia sempre aquela pergunta: “Onde é que vamos hoje? - Onde é que vamos amanhã? O que é que vamos fazer?” E, assim com garotos já temos certas regras em que, “ – olha, não podemos ir aqui, já não podemos sair à noite, só podemos, vamos até aquela hora, porque à pequenina daqui a pouco teremos de dar o leite”, ou isso ou aquilo. Temos de ter as coisas mais organizadas e orientadas. (entrevista, homem, 35 anos, 9º ano).

Neste excerto surge evidenciado o modo como o tempo familiar é afetado pelo tempo dos e para os filhos. Trata-se de uma padrão sociologicamente esperado que ganha mais expressividade nas entrevistas das mulheres, dado que são mais minuciosas do que os homens na forma como descrevem os usos do tempo e chamam aos pais (e a si próprias) a responsabilidade em conceder tempo às crianças.

“Mas, por exemplo, aqui costumam festejar o Dia da Mulher e então este ano fui e ... à uma da manhã já estavam “-ah...vamos até ao English” que é uma discoteca que há no [nome da cidade], e eu já estava assim a pensar “bem... eu, no English? Não, já não me estou a ver no English” eu...pronto já... não sei, acho que há qualquer coisa que muda em nós próprios que...pronto...faz com que a gente...antes de elas nascerem era impensável um fim de semana sem sair, ui, não... era impensável (risos) mas agora já não ... acho que a gente já...” (entrevista, mulher, 36 anos, 9º ano).

O excerto mostra, em especial no caso das mulheres, que a presença dos filhos e a sua influência sobre os conteúdos do tempo livre e do tempo de lazer e a duração dos mesmos é constante, mesmo que as actividades efectivamente desenvolvidas não envolvam a presença daqueles.

Observa-se que os entrevistados oriundos de classes menos favorecidas, mas atualmente com níveis de instrução de nível médio, como é o caso da mulher referida no excerto apresentado, e do homem cujo excerto apresentamos a seguir, a liquidação quase total do tempo livre autónomo (individual ou a dois) surge justificada com base em modelos de responsabilização parental. Estes, ainda que sustentados por modelos religiosos, suscitam uma certa culpa pelo uso do tempo de lazer sem proximidade física com os filhos. Com efeito, o homem a quem nos referimos descreve ter mudado os seus hábitos de lazer no exterior (prática desportiva e cultural) por causa do nascimento do filho “(...) porque agora é impossível, com o menino é impossível, ir mais ao cinema, talvez. Depende, gosto muito de cinema (...)” (entrevista, homem, 30 anos, 12º ano).

E, em síntese, importa precisar que a informação recolhida, tanto junto de homens como de mulheres com filhos, mostra um nível elevado de afetação do tempo das crianças. Todavia, tal condicionamento é mais evidente nos usos do tempo de lazer do que do tempo de trabalho e mais nos tempos de lazer das mulheres mães, do que dos homens pais. Recordemos que alguns autores constataram haver uma valorização diferente do tempo em família, conforme o sexo. Os homens, muito mais do que as mulheres, tendem a definir o tempo no espaço doméstico e familiar como “tempo livre” ou “tempo de lazer”. Na pesquisa de Shaw (1992), grande parte das mulheres considera o tempo familiar ou doméstico como tempo “de trabalho” que exige atenção e responsabilidade, mesmo que seja combinável com algum descanso. As mulheres-mães inquiridas e entrevistadas na nossa pesquisa revelam sentir mais *stress* do que os homens nas mesmas circunstâncias familiares. Elas afirmam que “se deixam dormir no sofá” e que se sentem cansadas à noite, de manhã e ao fim de semana. Acontece que o seu tempo está sobrecarregado com o trabalho doméstico e familiar. É um trabalho basicamente “de bastidor” e, portanto, menos reconhecido socialmente, menos passível de recompensa imediata, mais invisível, do que o tempo dedicado a tarefas de “palco”, menos rotineiras e, principalmente, susceptíveis de serem socialmente mais valorizadas e normalmente assumidas pelos homens (Collins, 1992). A este respeito, as conclusões a que se chega na investigação realizada subscrevem o entendimento de Bouffartigue (2010, p. 229) para a situação em França: “o trabalho de parentalidade – no senso estrito de atividades diretamente dedicadas aos filhos e com a exclusão de lazer junto com os filhos – continua a ser uma área altamente feminizada”. As mulheres sentem mais dificuldade em se desligarem mental e/ou fisicamente das tarefas relacionadas com o cuidado dos outros. No seguimento das conclusões de vários autores (Daly, 1996), esta pesquisa indica que o tempo adquire, para as mulheres, um sentido contínuo, dominado pela necessidade “de estar ao serviço”, o que acontece mesmo quando se trata de atividades supostamente recreativas para toda a família. Por isso, têm menos possibilidade de ter tempo verdadeiramente livre. Também, no seguimento de estudos realizados noutras contextos (Sullivan, 1997), observa-se que este carácter contínuo do tempo das mulheres explica que elas, por regra, são interrompidas com mais frequência e por períodos mais extensos, do que os homens. No que concerne, especificamente, ao tempo de lazer, e na mesma linha de conclusões apresentadas noutras pesquisas, observa-se serem os homens os que mais procuram separar as atividades pessoalmente mais gratificantes (desportos em grupo, outros hobbies, divertimentos com amigos) dos tempos destinados aos filhos. Por seu turno, as mulheres mães (e noutras casos, irmãs e tias) tendem a não separar de forma antecipada esses tempos. Neste caso, é mais frequente o comportamento de sobreposição de atividades do tempo de não trabalho (tais como as compras, os cuidados de casa e o cuidado aos idosos) com o tempo das crianças.

No questionário, inclui-se o “não fazer nada” como um dos indicadores de medição do tempo livre. Apesar de não ser evidenciada uma relação estatisticamente significativa entre o sexo e a opção “não fazer nada”, há diferenças de género que merecem atenção. Há uma percentagem mais elevada de inquiridos homens que declara descansar/não fazer nada “todos os dias” (homens 28% e mulheres 23%) e há uma percentagem mais elevada de mulheres que “nunca” descansam/não fazem nada (37%). Com efeito, a classificação do quotidiano como “cansativo” e “repetitivo” marca o discurso destas últimas.

As informações recolhidas através de questionário e de entrevista e grupos de foco permitem observar que o tempo livre é percecionado como o tempo liberto de obrigações, o tempo de descanso e em que o sujeito não experimenta nenhum tipo de pressão. Neste sentido, é um tempo desejado e procurado, tanto por homens, como por mulheres. Para a maioria, nomeadamente as mulheres, é também um tempo “inativo”, um tempo para estar “sossegado”.

Olhe, neste momento, é mesmo descansar, é mesmo... ou ver, assim, um programa de televisão sem grandes... ler um livro... realmente, sem grandes atividades, digamos (entrevista, mulher, 36 anos, licenciatura).

A televisão como meio de lazer passivo surge em vários outros depoimentos registados durante a pesquisa. É sinalizada como um dos principais mecanismos mobilizados de “conseguir” tempo livre. A televisão apresenta-se como “algo que está sempre ali”, “uma companhia” (para as mulheres), algo que é composto da rotina quotidiana, algo que se dispõe a acompanhar o indivíduo em grande parte dos afazeres e tarefas domésticas, incluindo o cuidado dos filhos, a alimentação e a higiene. Para diversas mulheres, o

visionamento ininterrupto da televisão marca o período de relaxamento ao fim do dia e a transição para o sono noturno:

Às vezes depende, às vezes ainda me sento um bocadinho no sofá para ver um bocadinho de televisão, mas vejo é tudo para dentro já (risos) tão cansada, que, pronto. Por volta das onze, onze e meia, por aí assim... (entrevista, mulher, 41 anos, 9º ano).

6. Conclusão

O tempo e seus usos ocupam um lugar importante na análise das sociedades contemporâneas. Tal como evidenciado através da literatura, o tempo de lazer tem vindo a afirmar-se, nos anos mais recentes, como um tempo mais democratizado, pois cada vez mais pessoas e famílias podem dispor de tempo para atividades que conferem prazer e libertam emoções (usando a definição de Elias e Dunning, 1995). As sociedades modernas são híper-complexas e paradoxais quanto à duração, aos locais e à intensidade da vivência do tempo de lazer. Os estudos na área das classes e estratificação social continuam a evidenciar, não só os condicionamentos das classes na formação dos gostos e das preferências no que respeita à extensão e às formas de ocupação do tempo livre e do tempo de lazer, mas, sobretudo, a forma como o tempo, quantitativa e qualitativamente definível, é um foco de desigualdade social. A informação que apresentámos acima evidencia diferenças significativas entre o modo como os homens e as mulheres percebem e vivem o tempo livre. Revela também a influência da classe social na definição sexual do tempo livre e do tempo de lazer, a qual passa pela definição valorativa e simbólica dos conteúdos do tempo, mais ou menos significativos para o sujeito, e pela definição da extensão e da quantidade de tempo objetivamente disponível. Na observação das desigualdades de género reitera-se a tese de que as mulheres tendem a ocupar aquele que podia ser tempo livre com atividades de tipo doméstico e familiar. Tarefas em que a participação masculina continua a revelar-se em desequilíbrio, face ao elevado investimento feminino.

REFERÊNCIAS

- Bianchi, Suzanne M. (2000). Maternal employment and time with children: Dramatic change or surprising continuity? *Demography* 37, 4, 401-414.
- Bittman, M., & J. Wajcman, (2000). The rush hour: The character of leisure time and gender equity. *Social Forces*, 79, 165-189.
- Bittman, Michael (2004). Parenting and employment: What time-use surveys show. In Nancy Folbre & Michael Bittman (ds) *Family time: the social organization of care* (pp. 152-170). London: Routledge.
- Bouffartigue, Paul (2010). The gender division of paid and domestic work: Some remarks in favour of a temporal perspective, *Time & Society*, 19, 220-238.
- Bourdieu, Pierre (1979). *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1998). *La domination masculine*. Paris: Seuil.
- Collins, Randall (1992). Women and the production of status culture. In Michell Lamont & Marcel Fournier (Eds.) *Cultivating differences* (pp.213-231). Chicago: University of Chicago Press.
- Corbin, Alain (Ed.) (2001). *História dos tempos livres. O advento do lazer*. Lisboa: Teorema.
- Cunha, Vanessa (2007). *O lugar dos filhos: ideais, práticas e significados*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Daly, Kerry J. (1996). *Families and time: keeping pace in a hurried culture*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Dumazedier, Joffre (1969). *Vers une société du loisir?* Paris: Seuil.

- Dumazedier, Joffre (1988). *La révolution culturelle du temps libre 1948-1988*. Paris: Méridiens – Klinksieck.
- Elias, Norbert & Eric Dunning (1986). *Quest for excitement: Sport and leisure in the civilizing process*. Oxford: Basil Blackwell.
- Gleick, James (1999). *Faster. The acceleration of just about everything*. New York: Pantheon Books.
- Goodin, Robert E., James Mahmud Rice, Michael Bittman, & Peter Saunders (2002). *The time-pressure illusion: Discretionary time versus free time*. Sydney: Social Policy Research Centre.
- Grossin, William (1996) *Pour une science des temps. Introduction a l'écologie temporelle*. Paris: Octares.
- Guerreiro, Maria das Dores & Helena Carvalho (2007). O stress na relação trabalho-família: uma análise comparativa. In Karin Wall & Lígia Amâncio (Ed), *Família e género em Portugal e na Europa* (pp. 129-179). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Hewlett, Sylvia Ann (1992). *When the bow breaks. The cost of neglecting our children*. New York: Basic Books.
- Hochschild, Arlie Russell (2001). *The time bind. When work becomes home and home becomes work*. New York: Holt paperbacks. [1997.]
- Jacobs, Jerry A. & Kathleen Gerson (2004). *The time divide: work, family and gender inequality*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Kan, Man Yee et al. (2011). Gender convergence in domestic work: discerning the effects of interactional and institutional barriers from large-scale data, *Sociology*, 45, 2, 234-251.
- Kremer-Sadlik, T. & A. L. Paugh (2007). Everyday moments: Finding ‘quality time’ in American working families, *Time & Society*, 16, 2-3, 287-308.
- Leccardi, Carmen (1996). Rethinking Social Times: Feminist Perspectives, *Time & Society*, 5, 2, 169-186.
- Lyonette, Clare, Rosemary Crompton & Karin Wall (2007). Gender, occupational class and work-life conflict. A comparison of Britain and Portugal, *Community, Work & Family*, 10, 3, 283-308. Recuperado em 9 de Novembro, 2009, de <http://dx.doi.org/10.1080/13668800701456245>.
- Mattingly, M.J. & S.M. Bianchi (2003). Gender differences in the quantity and quality of free time: the U.S. experience, *Social Forces*, 81, 999-1030
- Mercure, Daniel (1995). *Les temporalités sociales*. Paris: Éditions L’Harmattan.
- Putnam, Robert (2000). *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. New York: Simon & Schuster.
- Rifkin, Jeremy (1995). *O fim dos empregos. O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho*. São Paulo, Makron.
- Robinson, John & Geoffrey Godbey (2008). *Time for life: the surprising ways Americans use their time*. Pennsylvania Park, PA, Penn State Press.
- Robinson, John & William Michelson (2010), «Sleep as a victim of the ‘time crunch’ - a multinational analysis», electronic *International Journal of Time Use Research*, 7, 1, 61-72. Recuperado em 2 de Janeiro, 2012, de <http://ffb.uni-lueneburg.de/eijtur/pdf/volumes/eIJTUR-7-1.pdf#page=62>.
- Roeters, Anne & Judith Treas (2011). Parental work demands and parent-child, family and couple leisure in Dutch families: what gives? *Journal of Family Issues*, 32, 269–291. Recuperado em 2 de abril, 2012, de doi: 10.1177/0192513X10379204 <http://jfi.sagepub.com/content/32/3/269.full.pdf+html>
- Rojek, Chris (2009). *The labour of leisure: the culture of free time*. London: Sage.
- Rook, John W. & Fred R.H. Zijlstra (2006). The contribution of various types of activities to recovery, *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 15, 2, 218-240.
- Rosenzweig, Roy (1983). *Eight hours for what we will. Workers and leisure in an industrial city, 1870-1920*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Schor, Juliet B. (1993). *The overworked American: The unexpected decline of leisure*. New York: Basic Books.
- Shaw, Susan (1992). Dereifying family leisure: an examination of women's and men's everyday experiences and perceptions of family time, *Leisure Sciences*, 14, 271-286.
- Shaw, Susan (2008). Family leisure and changing ideologies of parenthood, *Sociology Compass* 2, 2, 688-703. Recuperado em 10 de Março, 2011, de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1751-9020.2007.00076.x/>
- Sorokin, Pitrim & Robert Merton (1973). Social time: a methodological and functional analysis. *American Journal of Sociology*, 42, 5, 615-629
- Southerton, Dale (2003). "Squeezing time": Allocating practices, coordenating networks and scheduling society, *Time & Society*, 12, 5-25.
- Sue, Roger (1995). Entre travail et temps libre: l'émergence d'un secteur quaternaire, *Cahiers internationaux de sociologie*, 99, 401-415.
- Sullivan, Oriel (1997). Time waits for no (wo)man : An investigation of the gendered experience of domestic time. *Sociology*, 31, 2, 221-239.
- Thiesse, Anne-Marie (2001). Organização do lazer dos trabalhadores e tempos roubados (1880-1930). In Alain Corbin (Ed.), *História dos tempos livres. O advento do lazer* (pp. 363-392). Lisboa: Teorema.
- Van Tienoven, Theun Pieter, Ignace Glorieux & Joeri Minnen (2010). Unraveling the myths of sleep deprivation, Comunicação apresentada no XXXII congresso anual da International Association for Time Use Research (IATUR), Paris, Sciences Po.
- Veblen, Thorstein (1975). *The theory of the leisure class*. New York: Augustus M. Kelley. [1899.]
- Wall, Karin & Lígia Amâncio (Ed.), 1997. *Família e género em Portugal e na Europa*, . Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Winwood, Peter, Arnold Bakker, & A.H. Winefield (2007). An investigation of the role of non-work-time behavior in buffering the effects of work strain, *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, 49, 8: 862-871. Recuperado em 3 de Outubro, 2011, de doi: 10.1097/JOM.0b013e318124a8dc.
- Zuzanek, Jiri (2009). Time use research in Canada – History, critique, perspectives, *eIJTUR*, 6, 2: 178-192.

ⁱ Este texto tem como base as atividades do projeto "Tempo e tecnologia: uma abordagem de género para o contexto português". Este projeto (PIHM/GC/0037/2008) foi financiado por Fundos FEDER, através do Programa Operacional Factores de Competitividade (COMPETE) e por Fundos Nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia). A equipa do projecto é constituída por Amélia Augusto, Maria João Simões, Helena Sousa, Soledad Las Heras, Lia Lourenço, e as autoras desta comunicação. Análises baseadas na referida pesquisa foram e serão publicadas em vários artigos e no website www.tempotecnologiagenero.com.